

# A solidariedade precisa vir aqui

*Creche mantida por freira precisa de contribuições para dar assistência a 136 crianças carentes do Entorno*

Marcelo Abreu  
Da equipe do Correio

O lugar é feio. Esquisito. Violento. O som da balas de revólver não é mais confundido com bombinha de São João. Virou rotina. Todo mundo tem uma história de violência pra contar. Um lugar sem esgoto nem asfalto. E no meio de tanta miséria existe uma casa pobre de paredes de cor cinza desbotado e chão de cimento queimado. Ali vivem 136 crianças de passado tenebroso — marcado por traumas físicos e até sexuais —, presente que sobrevive da caridade alheia e futuro completamente incerto. Histórias de silenciar.

Ali, no meio do Parque Mingone II — entre Valparaíso e Luziânia — uma mulher decidiu ajudar essas crianças. São filhos de mães solteiras, domésticas, algumas desempregadas e prostitutas — que ganham a vida nos pontos de ônibus da BR-040.

Acreditando que poderia fazer alguma coisa, a irmã Ângela Maria da Silva — da Comunidade da Sagrada Face de Jesus Cristo — improvisou um abrigo que ela insiste em chamar de creche.

Naquela casa de chão de cimento queimado, existem 136 histórias de vida. Algumas despedaçadas. Outras que por pouco não se despedaçaram. Crianças de 1 a 7 anos que só precisavam de uma chance. Irmã Ângela acreditou que havia, ainda, uma saída para aquelas crianças. Sempre há, mesmo quando tudo parece dizer o contrário.

São as histórias de A., de 6 anos, filho de mãe solteira, que tem enorme dificuldade em expressar o que sente. Tem medo de tudo. Uma criança calada, assim como a irmã dele, V., de 5 anos, vítima de abuso sexual. História da menina de 7 anos que, assim que chegou à creche, ensaiou um strip-tease. Quis tirar a roupa no meio dos coleguinhas. Não teve intenção de escandalizar. Na verdade, na cabecinha dela, nem sabe o que é isso. Apenas reproduzia o que via sua mãe fazer em casa, "para os homens".

Ou ainda a história de um bebê de pouco mais de um ano que foi espancado pela mãe. Está sob a guarda do Conselho Tutelar de Luziânia, aguardando adoção. E o pedido da menina de 6 anos: "Tia, (cochicha no ouvido da irmã Ângela) nesse Natal não quero que Papai Noel me dê brinquedo, não. Quero que ele traga comida pra minha mãe".

## ABNEGAÇÃO

Hoje, depois de dois anos, a creche materno-infantil da Sagrada Face de Jesus Cristo é uma realidade. Carente, com privação de tudo, foi erguida no meio de uma realidade deplorável e assustadora. E reúne todas essas histórias.

A., mesmo com os traumas que carrega, ainda sonha com Papai Noel. Diz que, na semana passada, encontrou com ele e pediu "uma motozinha de pilha".

"Como é o Papai Noel? Um velhinho de barba grande. Mas ele disse que só vai me dar se eu ficar bonzinho..." A. sonha. Esquece que vive dias difíceis. A moto a pilha não sai de sua cabeça. Irmã Ângela o ajuda a esquecer traumas. Mesmo que para isso tenha que esquecer os seus próprios. Um passado também pobre e cheio de privação na distante Camucim, no Ceará.

Com uma sacola, quatro peças de roupas e um ideal, ela chegou ao Jardim Mingone II em 1997. Alugou um barraco. Teve medo do que viu. "Eu não podia desistir. Tinha um propósito de vida", conta. Meses depois, conseguiu uma casa emprestada. Ali, começou a colocar o sonho em prática. Veio uma criança. Vieram duas crianças, dez. Hoje, são mais de 100 num espaço em que cabem, espremidas, apenas 50. Não há colchões nem berço para todos. Tudo é dividido. Nada sobra na casa que tem uma sala e um quarto para acomodar a todos.

As crianças chegam à creche logo cedo e só voltam pra casa à tardinha, quando as mães retornam do trabalho. Os maiores, de 6 e 7 anos — quase 50 —, frequentam a escolinha e aprendem as primeiras noções de alfabetização. Alguns começam a escrever o próprio nome.

## AIDS

De doação de voluntários, a creche sobrevive. Um açougue dá um quilo de carne. Uma padaria oferece os pães. E assim, pouco a pouco, as crianças se alimentam. Tomam café da manhã, almoçam, lancham e jantam. Há um mês, funcionários do Superior Tribunal de Justiça (STJ) resolveram ajudar. Marcaram um Natal diferente para aquelas crianças. No dia 16 de dezembro, vão levá-las ao STJ para a confraternização dos funcionários e de seus familiares. No mesmo lugar onde ministros levarão seus netos, lá estarão as crianças do Jardim Mingone II.

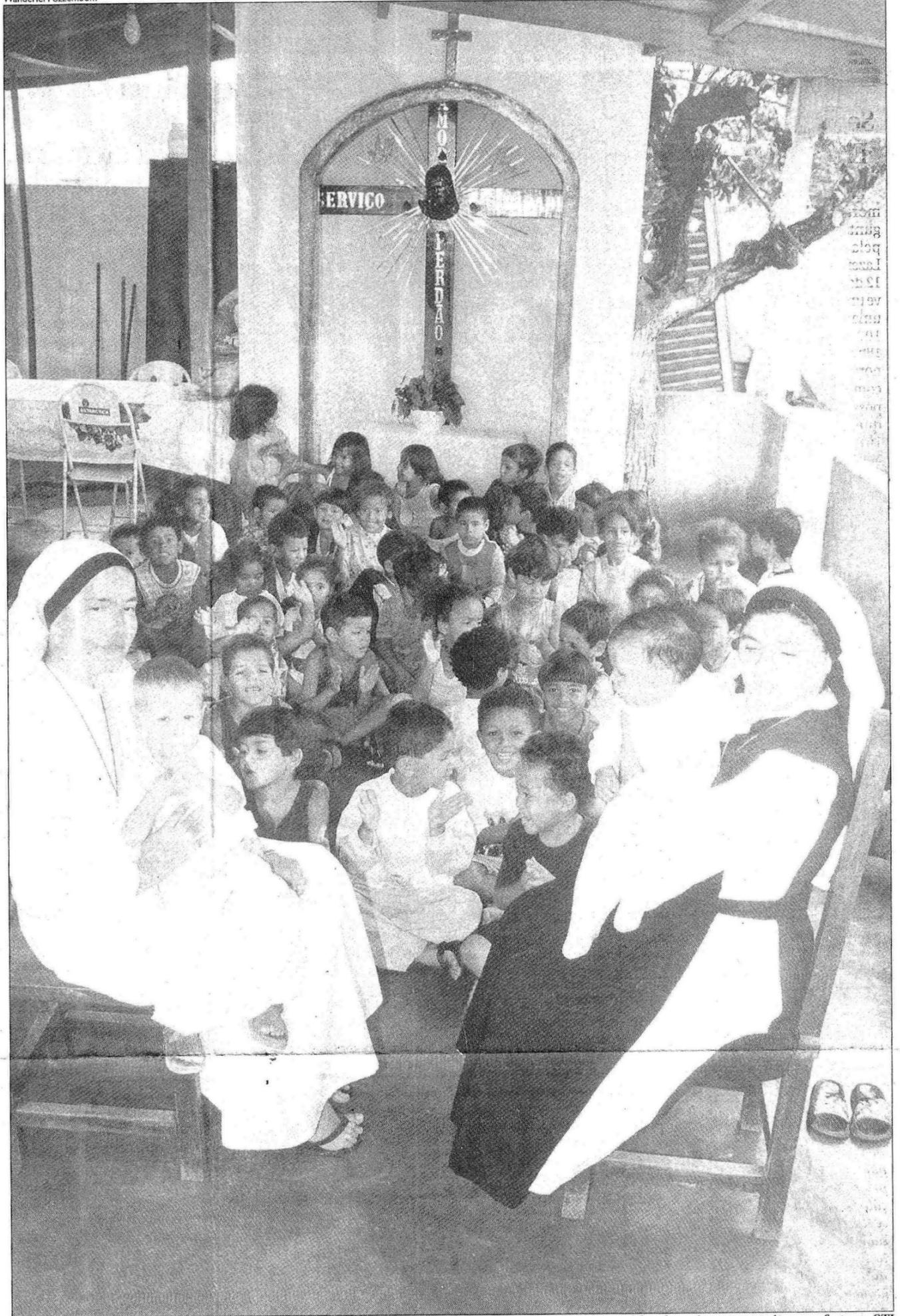
Além de ajudar as crianças na creche, irmã Ângela mantém outro trabalho assistencial. Todo sábado, uma enorme fila se forma na porta daquela casa de paredes cinza. São pessoas da comunidade que vão pedir comida. Gente com câncer, portadores do vírus HIV. "Não tenho como não abrir a porta. Elas precisam de ajuda", diz Ângela, com voz embargada. E depois, confessa: "Desculpe, mas eu choro demais. Me desespero, perco a voz. Tenho vontade de resolver o problema de todos".

Talvez o que mova essa mulher ainda seja isso: vontade de querer ajudar, mesmo contra todas as adversidades. "Eu acredito na transformação". Ainda existem pessoas assim.

## SERVIÇO

Creche Sagrada Face de Jesus Cristo — Qual quer ajuda é bem-vinda, de brinquedos a comida. Depósitos podem ser feitos no Banco do Brasil, conta 5845-8, agência 1239-4, em favor da Comunidade Sagrada Face de Jesus. Telefone: 623-2767. Endereço: Rua 34, Lote A, Quadra 89, Parque Mingone II

Wanderlei Pozzembom



Ângela Maria (D) e a noviça Andresa Borges recebem doações de comerciantes da vizinhança para cuidar das crianças: convite para festa no STJ

## PERSONAGEM DA NOTÍCIA

### A FREIRA QUE CHORA MUITO E DORME POUCO

Ela não pára. Dorme pouco. Muito pouco. Menos de cinco horas por noite. E quando não tem insônia, às 6h30, abre a porta da creche. E lá vêm suas crian-

ças. São 136. Todos os dias, de segunda a sexta-feira. Irmã Ângela Maria, que só estudou até o 2º ano do 2º grau, é uma locomotiva. Mirrada — mede 1,50m —, encontra forças onde nem ela mesma sabe. Talvez saiba: "Vem da providência divina..."

Ouve suas crianças. Chora junto com elas. Comove-se com seus dramas. Serve-lhes o café da manhã. Dá-lhes banho. En-

caminha-as à escolinha. Para ajudá-la, conta com a ajuda de outra irmã, noviça Andresa Borges, e algumas voluntárias — mulheres pobres da comunidade. Há dois anos, irmã Ângela corre de um lado para outro atrás de CGC da creche, alvará de funcionamento, elaboração do estatuto. "Graças a Deus, legalizei tudo", comemora, mostrando uma pasta azul abarro-

tada de documentos.

No momento de emoção, lembra que, aos 7 anos, ainda em Camucim, no Ceará, sentia pena de Jesus Cristo quando via, na igreja onde ia às missas, a imagem dele sangrando. "Pedia pro meu pai levar ele ao médico." Hoje, aos 29 anos, ainda cheia de sonhos, luta para dar esperança a crianças de futuro incerto. (MA)